



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6455 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

**A FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA: CÍRCULOS DE LEITURA E RECEPÇÕES NO ESPAÇO FORMAL EDUCATIVO**

Elza Sueli Lima da Silva - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

**A FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA: CÍRCULOS DE LEITURA E RECEPÇÕES NO ESPAÇO FORMAL EDUCATIVO**

Prof<sup>a</sup>. Ma. Elza Sueli Lima da Silva (Autora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena da Rocha Besnosik (Orientadora - Universidade Estadual de Feira de Santana)

**RESUMO**

Este estudo de natureza qualitativa analisa os modos de recepção do texto literário em Círculos de Leitura realizados com estudantes do ensino médio e busca compreender a formação do leitor de literatura por meio de entrevistas narrativas e de observações no *locus* da pesquisa. Os dados empíricos analisados à luz da História da Leitura e da Estética da Recepção colocam em evidência contribuições para a formação do leitor.

**Palavras-chave:** Formação do Leitor. Círculos de Leitura. Estética da Recepção.

**1 INTRODUÇÃO**

Viver o cotidiano escolar é sentir e ouvir o eco de discursos inquietos acerca das insatisfações com o nível de proficiência leitora dos estudantes, realidade reiterada pelos diagnósticos dos instrumentos de avaliações governamentais. Diante disto, este trabalho

suplementa as pesquisas existentes sobre a formação do leitor, pois apontam para a necessidade de redimensionamento das práticas e estratégias de leitura no ensino médio, que transcendam o ensino historiográfico, segmentado e estrutural de literatura, em detrimento da experiência estética do leitor com o texto literário, como atestam trabalhos apresentados no COLE (2016) e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

Por essa direção, este estudo responde a seguinte questão: como leitores do ensino médio, com diferentes perfis, recebem o texto literário nos Círculos de Leitura? E cumpre os seguintes objetivos: analisar as formas de recepção dos textos literários nos Círculos de Leitura; investigar se as vivências nos círculos contribuem para a formação do estudante leitor; e, conhecer as histórias de leitura de membros das oficinas, para entender como eles se formaram leitores.

Para alcançar estes fitos, a abordagem metodológica foi de cunho qualitativo cujos instrumentos e procedimentos utilizados para coleta de dados foram a realização de 4 oficinas de leitura do texto literário, com 34 estudantes do 3º ano do ensino médio, em um colégio estadual localizado no município de Feira de Santana-Ba. Os encontros de leitura ocorreram entrelaçados e entrecortados com a própria experiência da autora deste labor, como mediadora de leitura nas aulas de Língua Portuguesa em 2018, durante 7 meses, e foram alicerçados nos pressupostos teórico-metodológicos dos Círculos de Leitura defendidos por Eliana Yunes e Rildo Cosson. Além disso, realizou-se entrevistas narrativas com 5 colaboradores do grupo pesquisado, a escrita do diário de campo e de observações das leituras realizadas por estudantes do *locus* da pesquisa, quando estavam desobrigados da rotina escolar.

Com efeito, os dados empíricos, analisados à luz dos pressupostos teóricos acerca da História da leitura e da Estética da Recepção desenvolvidos por Roger Chartier e Hans Robert Jauss, evidenciaram que os colaboradores da pesquisa, predominantemente, são leitores de literatura não escolarizada e possuem diferentes modos de ler e de se apropriar dos sentidos do texto, enquanto uma minoria ler as obras canônicas, atualizando-as. Os colegas, amigos e o mundo virtual, predominantemente, exerceram influência na formação desses leitores.

As seções ulteriores esboçam a concepção de leitor e de leitura que embasam os Círculos de Leitura, bem como os critérios de organização e sistematização que os estruturam; a relevância do papel do mediador nesse processo; e os resultados obtidos, fruto dos fazeres e pensares subsidiados pelo aporte teórico.

## **2 CÍRCULOS DE LEITURA: OUTRO JEITO DE LER O TEXTO LITERÁRIO**

“A pedagogia da leitura na escola não tem logrado grandes êxitos na criação de leitores permanentes.” (YUNES, 1995, p. 190). De um modo geral, as práticas de leitura usuais desconsideram a capacidade que a literatura tem de potencializar a visão e a percepção de mundo dos leitores, suplantando o domínio do código linguístico, pois somente ele não assegura ao aprendiz o desenvolvimento da proficiência leitora.

A leitura é um ato complexo, que requer a interação entre leitor, texto e contexto, como também envolve a associação e combinação de ideias, a percepção nas entrelinhas, a elaboração de questionamentos, posicionamentos e juízos de valor, a descoberta do inusitado, além do desabrochar da emoção e da invenção, que fazem com que o leitor numa atitude de prazer, gosta e aprecia aquilo que lê, porque reelabora a compreensão de si e das coisas ao seu

redor para agir criticamente sob elas, assumindo a posição de cocriador. E tudo isto se processa de modo distinto, uma vez que a condição de ser, estar e agir sob o mundo é única, constituindo peculiarmente o acervo cultural, intelectual e afetivo que se acumula, dissipa-se ou se fixa configurando os saberes prévios do leitor (YUNES, 1995, 2014).

Vale ressaltar que a concepção de leitura prazerosa que se apregoa neste trabalho transcende a mera contemplação da arte literária por se relacionar a um exercício intelectual, porque propicia a aprendizagem e o encontro com o saber, ampliando a compreensão de mundo do leitor e de si mesmo, quando este desconforta-se, desequilibra-se, constrói e reconstrói saberes já consolidados, e fortalece-se para enfrentar os desafios do mundo exterior (BARTHES, 1973).

Essa capacidade de ler não é inata e o simples contato com os textos literários não consegue desenvolvê-la. Ela requer práticas de leitura contínuas, interativas e criativas e exige um trabalho educativo organizado e sistematizado, que gire em torno da construção e compartilhamento de experiências leitoras, num processo dialógico entre leitor, texto e contexto, o qual é possível de se obter com a realização de Círculos de Leitura no espaço formal educativo. Estes são encontros frequentes entre pessoas que estão predispostas a compartilhar as experiências vivenciadas com a arte literária, aprofundando discussões sobre pensamentos, pontos de vista e sentimentos num movimento de escuta das contribuições de todos os partícipes do grupo, que é mediado por um leitor, neste caso o professor (YUNES, 1995, 2014; COSSON, 2016).

Os círculos foram estruturados em seqüências didáticas em torno de quatro eixos: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação, seguindo os seguintes critérios: a seleção cuidadosa de textos na íntegra a partir de princípios democráticos, os quais priorizam a diversidade de obras, gêneros, temas e autores (clássicos, contemporâneos, marginais e da Terra); a qualidade dos textos em detrimento da quantidade; a coexistência de registro oral e escrito desprovidos de cobranças mensuráveis; a autoavaliação; e, a dialogicidade entre os diferentes discursos e linguagens, num movimento que favoreça o crescimento do leitor, cujo ponto de partida devem ser o estoque prévio do saber e os interesses dos leitores para, a partir disto, mergulhá-los em experiências literárias mais herméticas (YUNES, 2014; COSSON, 2016).

Nessas condições, é importante considerar que a obra literária está viva e, por isso, as recepções do leitor em relação ao texto se atualizam constantemente, favorecendo a realização de novas leituras em diferentes épocas, porque leitor e texto dialogam entre si cimentados nos saberes prévios e no tempo histórico em que estão imersos. Desse modo, o horizonte de expectativa do leitor se renova quando ele for capaz de romper com as expectativas de leitura. Caso contrário, a obra lida se aproxima da *arte culinária, ligeira*, pois não se afasta das predileções do leitor, daquilo que lhe é comum e familiar (ZILBERMAN, 1989; JAUSS, 1994).

A literatura entendida como uma via de comunicação entre objeto artístico e ledor deve conduzi-lo à vivência da experiência estética, quando o leitor percebe a incompletude ou se mostra descontente com a arte literária e, por isso, cresce com e na leitura ao assumir a posição de coautor. Além disto, o texto conduz o leitor a emancipação dos saberes consolidados, possibilitando a construção de uma nova visão de si mesmo e do mundo circundante. Por fim, a arte cumpre a sua função social, quando o leitor amplia a visão sobre os acontecimentos da vida e desenvolve a capacidade de tecer juízo de valor sobre estes (ZILBERMAN, 1989; JAUSS, 1979, 1994).

Para que se efetive a aproximação do leitor com o texto e o deixe mais favorável à recepção da arte literária, a figura do mediador é de suma importância, pois o olhar do ledor

mais maduro, o professor, pode fisgar aquilo que, às vezes, passa despercebido à visão do alunado. Ademais, para encantar leitores, dinamizar os círculos, intercambiar sentidos e fazer circular ideias o professor precisa ter segurança do seu fazer, permitindo a partilha dos vários modos de ler e pensar dos leitores, sem hierarquizar interpretações ou impor consensos, porém sem perder de vista o contexto (YUNES, 2014; COSSON, 2016).

### 3 RESULTADOS DA PESQUISA

Com o intuito de analisar os dados coletados, este estudo formulou um conjunto de categorias, fundamentadas na História da Leitura e na Estética da Recepção, teorias formuladas por Roger Chartier e Hans Robert Jauss, num processo dialógico com outros pensadores e estudiosos, as quais direcionaram o olhar da pesquisadora para perceber sobre como os colaboradores da pesquisa se formaram leitores e como eles receberam o texto literário nos Círculos de Leitura. Para isto foram utilizadas as seguintes lentes: espaços e influências de leitura e perfil do leitor; a identificação entre leitor e obra literária e a sua atualização; as expectativas de leitura; a visão renovada da realidade; a capacidade de tecer juízo de valor; a cocriação da arte literária; e as recomendações de leitura.

#### 3.1 MEMÓRIAS DE LEITORES COM PERFIS DIFERENCIADOS

As histórias de leitura resultantes da própria vida de dois leitores e três leitoras revelaram que eles, os colegas, amigos e vizinhos formam uma espécie de *Comunidade de leitores* que se assemelha à noção designada por Chartier (1999), quando este grupo indica, recomenda, doa e empresta livros, incentiva a ler, além de compartilhar suas impressões de leitura, fazendo circular a literatura entre eles.

Esses narradores se sentem diminuídos quando lhes é negado o direito de ter acesso à leitura e à compreensão da própria realidade, contudo criam estratégias, buscam alternativas, descobrem itinerários, percorrem trilhas, arriscam-se e usam o privilégio de não serem silenciados por sociedades que tentam negar-lhes o direito de acesso ao livro de literatura e, desse modo, subvertem uma ordem que insiste em ficar, quando desvelam espaços de leitura que privam os estudantes de ter acesso ao legado literário.

Um desses espaços de leitura é a Biblioteca Escolar, que é utilizada como pretexto para a realização de atividades das diversas disciplinas ou práticas de leitura associadas a cobrança de algum resultado possível de ser mensurado, que favorece o dever e não o prazer de ler. Além desse, o Cantinho de Leitura se constitui uma ambiência inócua para incentivar a leitura devido ao acervo desatualizado e incompatível com as preferências leitoras dos estudantes; enquanto a Feira do Livro (Festival Literário e Cultural de Feira de Santana – FLIFS), a qual proporciona o encontro da comunidade com o livro de literatura e as artes de um modo geral, ainda não favorece o acesso igualitário e irrestrito ao universo literário, tendo em vista a incongruência entre o alto custo dos livros e o valor irrisório do vale-livro distribuído pelo governo estadual, além da oferta literária não se adequar ao gosto dos jovens leitores.

Outro lugar de ler explorado é o universo virtual onde meus navegadores-leitores

experimentam as mais inusitadas formas de ler e escrever por meio da tela do computador ou de aplicativos no celular, permitindo-se a convivência com as culturas dos materiais impressos e eletrônica (CHARTIER, 1998, 1999). Todavia, trata-se de uma aparente democratização da leitura, devido às barreiras socioeconômicas que restringem o acesso dos leitores ao mundo eletrônico.

As narrativas revelam ainda que as influências de leitura provêm muito mais de pessoas e lugares externos à dinâmica escolar, pois, no *locus* da pesquisa, as práticas de leitura “desescolarizadas” são parcas, tímidas e desarticuladas do currículo escolar, entretanto têm incentivado a interação entre leitor e texto. Em contrapartida, os principais agentes de incentivo à leitura na vida de meus colaboradores foram os familiares, quando transmitem uma certa experiência por meio de suas narrativas de vida ou presenteiam-nos com livros; os amigos e colegas, ao compartilharem objetos literários e impressões de leitura, como também as leituras virtuais, em especial as *fanfictions*.

Por fim, as histórias de leitura revelam a existência de leitores com perfis distintos, que não se emolduram num arquétipo de leitor, haja vista o encontro e o acesso desigual aos diferentes gêneros e linguagens a partir de suportes de leitura também diversificados, as variadas maneiras de ler e, por conseguinte, as dissemelhantes formas de interagir com os textos e de construir sentidos, considerando a singularidade das experiências de mundo e leitoras. Esses narradores se colocam na condição de leitores de prazer, associado à leitura que conforta e acolhe, que distancia o leitor daquilo que o incomoda na vida real, propicia o entretenimento e o deleite, porque se dedicam de um modo geral às leituras não obrigatórias, àquelas harmonizadas ao seu gosto literário (BARTHES, 1973), no entanto necessitam do trabalho educativo para guiá-los por trajetos literários mais complexos e laboriosos.

### 3.2 A RECEPÇÃO DOS TEXTOS LITERÁRIOS NOS CÍRCULOS DE LEITURA

‘A Mala de Leitura: uma leitura de prazer’ e ‘Menu de poesias: compartilhando sabores e saberes’ foram as sequências analisadas para a percepção sobre como os leitores do 3º ano do ensino médio receberam os textos literários nos Círculos de Leitura. A primeira sequência consiste numa atividade de leitura livre, cujo propósito basilar é promover a formação do leitor a partir de suas escolhas pessoais de leitura para, paulatinamente, aproximá-lo da leitura literária canônica. Quanto à segunda, oferece aos leitores um menu composto por um leque de poetas e poesias, dando-lhes a condição de se deslocar do papel de mero espectador para a experiência dos sabores poéticos e produção de saberes, que se transformam em aprendizagens essenciais.

Ambas as sequências demonstram que a experiência estética nos Círculos de Leitura ocorreu de modo diverso e num tempo diferente para cada estudante-leitor, pois isto depende dos saberes prévios e do diálogo que ele consegue estabelecer com uma obra literária. O encontro do leitor com o texto - que só ocorre quando ambos tem algo em comum - por um lado, promoveu a renovação da percepção de mundo do leitor; por outro, a partir desta visão mais ampliada da realidade, ele foi estimulado a tecer juízo de valor sobre os eventos concretos da vida. Noutro segmento, os nossos leitores assumiam o papel de coautor da arte literária, uma vez que o autor nunca consegue dizer tudo num texto ficcional e, portanto, necessita do leitor para fechar as lacunas (ECO, 1994).

As escolhas e recomendações leitoras dos participantes da Mala de Leitura definem um gosto literário muito peculiar, voltado, majoritariamente, para a literatura de consumo produto

de projeções cinematográficas (séries e filmes) e dos programas televisivos. Estes leitores buscam nesses produtos literários uma identificação afetiva e pessoal, intelectual ou profissional ou ainda algo direcionado à vida prática ou à fabulação. Esta mesma tendência foi verificada nas 56 situações de leitura flagradas durante 5 meses em espaços e tempo aleatórios do cotidiano escolar, para além da rotina de sala de aula.

Este estudo compreende, portanto, que essa predileção literária se dá devido à harmonização entre o repertório linguístico, temático, semântico ou sintático e o aglomerado de experiências de leitura e de vida do leitor, que corroboram com a disposição deste para aceitar ou rejeitar uma experiência de leitura que lhe é estranha, que lhe desconforta, a exemplo do gosto pelo cânone literário, que permeia a proposta de ensino de literatura nos programas escolares, acolhido apenas por uma minoria de leitores, que conseguiu vencer a distância entre as expectativas do leitor e a obra em si, procedendo a atualização da arte literária (ZILBERMAN, 1989; JAUSS, 1994).

#### 4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo mostram o quanto os Círculos de Leitura, nos moldes metodológicos apresentados, contribuem para a formação do leitor no processo formal de ensino, quando a experiência estética da leitura literária transpõe o ensino de literatura apoiado na historiografia e análise literárias. Para isto, o mediador desempenha um papel fundamental no sentido de fazer o círculo crescer quando suplanta barreiras e oportuniza a socialização solidária das recepções dos leitores, sem impor interpretações autorizadas, mas permitindo a confluência entre as compreensões do leitor e aquilo que diz o texto.

A contrapelo dos diagnósticos de leitura apresentados pelas avaliações governamentais, a pesquisa revela a existência de leitores em potencial de literatura não escolarizada, que, de modo diverso, relacionam ideais, constroem pontos de vista e demonstram senso-crítico a partir dos textos que leem. Nesse sentido, cabe à escola e às políticas governamentais de formação do leitor considerarem, como ponto de partida para leituras mais complexas, as predileções leitoras dos estudantes, alargando, de fato, as oportunidades de ler no ambiente escolar, incluindo o mundo digital e efetivando o funcionamento da Biblioteca Escolar.

Como o aluno-leitor não nasce pronto, para que o professor seja um mediador de leitura, o atual modelo de formação de professor, com a mera distribuição de livros e revistas pedagógicos, precisa também ser superado, com vistas à revisão nos modos de mediar a leitura literária no espaço escolar. É imperativo substituir as velhas práticas por aquelas impregnadas de inventividade e comprometidas com um movimento incessante de ler, para se instalar a cultura da leitura no ambiente formal de ensino.

#### REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O prazer do Texto**. Tradução de Maria Margarida Barahona. São Paulo: Edições 70, 1973.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. As Revoluções da leitura no Ocidente. *In*: ABREU, Marcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999. p. 19-31.

COLE - Nas dobras do (im)possível, 20., 2016, Campinas, SP. **Revista Linha Mestra**. São Paulo: ALB, ano 10, n. 30, set./dez. 2016. Disponível em: [alb.org.br/20o-cole/](http://alb.org.br/20o-cole/). Acesso em: 23 mar. 2018.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ECO, H. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. 13. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

JAUSS, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. *In*: JAUSS, Hans Robert *et al.* **A Literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-82.

\_\_\_\_\_. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

YUNES, E. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista Letras**, Curitiba, v. 44, n. 44, p. 185-196, 1995. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras>. Acesso em: 29 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Leituras **COM** partilhadas, leitores multiplicados. **PERcursos Linguísticos** - Revista de Estudos Linguísticos - UFES, v. 4, n. 8, p. 130-141, semestral, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br>. Acesso em 01 abr. 2018.

ZILBERMAN, R. **Estética da Recepção e História da Literatura**. Ática: São Paulo, 1989.